

Mito, História e Cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá

Introdução

Cenário Etnográfico

Os Povos Indígenas do Oiapoque, norte do Amapá somam aproximadamente 4000 índios: os Galibi-Kaliña do rio Oiapoque, os Karipuna do Curipi, os Palikur do Urucauá e os Galibi-Marworno do Uaçá¹.

Vivem em três Reservas, demarcadas e homologadas, formando uma grande área contínua, cortada à oeste pela BR-156 que liga Macapá a Oiapoque. A leste deste território, em direção ao rio Cassiporé e o oceano Atlântico, a paisagem é tipicamente de savana e campos alagados, com numerosas ilhas onde se localizam as aldeias, sítios e roças. A oeste, prevalece a floresta tropical de terra firme, com árvores de grande porte e palmeiras. Aqui, os rios que banham a Reserva Uaçá, são ainda estreitos e entrecortados por cachoeiras e corredeiras. Fazem ainda parte da paisagem as montanhas Cajari, Carupina e Tipoca, marcos inconfundíveis para quem anda pela região.

Os índios exploram todos esses nichos ecológicos, se alimentando basicamente de peixe, muito abundante, caça, farinha de mandioca e seus derivados e frutas. Consomem ainda, produtos alimentícios comprados no comércio do Oiapoque. Comercializam em grande quantidade farinha, tapioca, tucupi e, também, canoas e artesanato.

Do ponto de vista sócio-cultural, os povos indígenas da região apresentam características em comum. Cada povo, entretanto, mantém uma identidade própria,

¹ Alguns grupos de índios vivem à margem do rio Juminã; ao longo da BR-156 e também na Guiana Francesa, na região de St. George e Caiena.

historicamente construída, controla um dos grandes rios e suas adjacências e apresenta uma configuração política e religiosa específica.

Sobre a Guerra dos Palikur e Galibi, hoje, apenas os Palikur e os Galibi-Marworno possuem mitos que se referem a este evento histórico.

Os Karipuna, mais recentes na região, não viveram este episódio.

Os Galibi-Kaliña do Oiapoque, um grupo Carib, proveniente de Maná na Guiana Francesa e que migrou para o Brasil em 1950, afirmam, nas palavras do líder Sr. Geraldo Lod: “Nós não temos nada a ver com este caso, eram provavelmente outros Galibi”. Em outras palavras, este episódio histórico, ocorrido no século XVII e tão arraigado na memória dos Palikur, não faz parte do legado mítico-histórico desses índios.

Os Galibi-Marworno, que não possuem parentesco com os Galibi-Kaliña do Oiapoque, são uma população heterogênea, índios descendentes de povos Carib e Aruak. A língua falada pelos Galibi-Marworno históricos entrou em desuso há pelos menos um século. O patois é a língua nativa atual. Em alguns cantos xamânicos, entretanto há trechos em “língua antiga”, mas cuja filiação linguística ainda não foi esclarecida. O que se sabe, com certeza, é que não é a língua falada pelos Galibi-Kaliña.

Os Galibi-Marworno são um povo católico mas persistem, entre eles, crenças e práticas indígenas.

Os Palikur, por sua vez, são do tronco linguístico Aruak. Falam uma língua própria e são os habitantes originários de toda a região. Divididos em clãs patrilineares exogâmicos, dizem que antigamente falavam várias línguas, tendo hoje em dia prevalecido apenas a língua de um único clã. Muitos Palikur vivem em aldeias do “lado francês”, na Guiana Francesa, mas, a comunicação com as aldeias do lado brasileiro é contínua.

Há mais de três décadas são adeptos da religião Pentecostal. Praticam poucos rituais indígenas mas possuem um acervo importante de mitos e “histórias dos antigos”.

Em 1996 analisei o Mito da Cobra Grande e suas diferentes versões entre os Povos Indígenas do Oiapoque².

Pude verificar que neste caso o mito de referência era Palikur. Por exemplo, a versão Galibi-Marworno inicia-se no Monte Tipoca entre os Palikur. Em seguida, as versões diferem, verificando-se uma ênfase patrifocal no discurso Palikur e matrifocal no discurso Galibi-Marworno. O desenlace do mito também difere nas duas versões. O filho da Cobra, na versão Palikur, vai viver no oceano e na versão Galibi-Marworno, no fundo de um lago, na região do Uaçá.

A versão Karipuna é uma adaptação do mito à história específica deste povo, na sua ocupação do rio Curipí.

Entre os Galibi-Kaliña do Oiapoque, o espírito monstruoso das águas, pertence a um corpus mítico específico dos grupos Carib e não parece ter a importância que acabou adquirindo o mito da Cobra Grande entre os povos do Uaçá.

No caso do mito da Guerra entre Palikur e Galibi, tudo indica que as versões Palikur e Galibi-Marworno referem-se a acontecimentos diferentes, ocorridos, provavelmente, em épocas também distintas.

No episódio contado pelos Palikur, estes são finalmente os vencedores, não sem duras perdas humanas. No episódio contado pelos Galibi-Marworno, são estes que vencem, tratando-se aqui de um episódio muito mais localizado e que assegurou definitivamente a este povo a posse do rio Uaçá.

No nível das representações, tanto num caso como no outro, a guerra entre os Palikur e os Galibi foi de tal ordem que, junto com o mito da Cobra Grande, é a história mais contada pelos índios da área Urucauá/Uaçá.

Passo agora a resumir o contexto no qual ocorreram estas guerras³.

“Os Palikur são uma nação da qual o ocidente tem conhecimento desde 1500, quando seu território foi visto pelo navegador Vicente Yañez Pinzón que os classificou

² Texto em mimeo.

³ Este resumo baseia-se parcialmente no texto de Alan Passes (1998). PhD thesis, University of St. Andrews. The Hearer, the Hunter, and the Agouti Head. (pp. 3, 4 e 5, Resumo Histórico).

como Paricura, sendo esta uma província costeira na margem setentrional do Amazonas (Nimuendajú, 1926). No século seguinte os Palikur se expandiram em direção ao norte, designados por diferentes nomes e muitas vezes confundidos com outros povos, os Maraon e os Arikaré (Nimuendajú, 1926).

Em 1653, o primeiro verdadeiro contato foi estabelecido por Fr. Antoine Biet que saiu de Caiena com a expressa intenção de procurar a tribo chamada Palicours instalada no Amapá (Biet, 1664).

Invasões sucessivas no Amapá por parte de franceses, ingleses e holandeses provocaram migrações indígenas e contribuíram provavelmente para acirrar conflitos intertribais.

Uma guerra longa e amarga, lembrada até hoje, ocorreu entre os Galibi (Carib) e os grupos Aruak, particularmente os Palicours. Em 1650, aproximadamente, estes se teriam aliado aos Yayo e uns 60 anos depois aos Maraón. Os Galibi, eventualmente, se retiraram até a Guiana, sendo que alguns de seus descendentes se reinstalaram no rio Uaçá.

De 1650 até o século XVIII, os Palikur e outros grupos nativos (entre eles os Maraón, Arikaré, Aruã, Mayé, Tokoyen) ficaram envolvidos nas disputas entre franceses e portugueses para o controle do Amapá. Em 1722, sob o pretexto de que os franceses incitavam os índios, especialmente os Aruã, contra eles, os portugueses exterminaram ou deportaram para o Pará, comunidades inteiras que haviam conseguido fugir.

Em meados do século XVIII, os Palikur habitavam as margens do Uaçá. Segue-se um período de relativa calma, quando diferentes grupos se refugiam no norte do Amapá, procurando refúgio das invasões européias e dos caçadores de escravos⁴.

De ali em diante estes povos desenvolveram o que P. e F. Grenand (1987) descrevem como um processo de fusão intertribal, quando surgem três grupos étnicos diferentes, os Karipuna, os Palikur e os índios hoje denominados Galibi-Marworno”.

⁴ Deste último episódio, os povos da região tem lembrança na sua tradição oral e os Galibi-Marworno possuem um mito muito significativo referente a este período “A História do Pajé Uruçu”, incluído no texto “A Cobra Grande”.

As Diferentes Versões do Mito da Guerra entre Palikur e Galibi

Devo esclarecer que em todas as versões os lugares geográficos são de extrema importância, verdadeiros marcos para os diferentes episódios.

Os rios Urucauá, Uaçá e a montanha Cajari são os “baluartes” que os Palikur defendiam contra o inimigo Galibi. Outro local importante nos relatos é o Monte Tipoca localizado entre os rios Urucauá e Uaçá, próximo à confluência destes rios e onde, historicamente concentrava-se uma população Palikur numerosa. Várias localidades da Guiana Francesa também são mencionadas nestes relatos. Isto é, o mito da Guerra dos Palikur contra os Galibi, nas suas diferentes versões está fortemente ancorado na história e geografia de uma determinada região.

Mas será, então, que este mito é apenas “História”, submetida a diferentes interpretações ideológicas? Certamente não. Como veremos a seguir, a dimensão cosmológica é central na construção do discurso indígena, especialmente nas versões Palikur, o que permite explorar temas mais abrangentes e de interesse comparativo no quadro teórico sobre os povos das Guianas e da Amazônia.

I. Versão Palikur. Kumenê, rio Urucauá, julho de 1966.

Informante Sr. Manoel Labonté⁵.

Os Palikur dizem que lutavam contra os Galibi e Aruaks, fortes guerreiros.

Entre os Palikur, viviam, um pouco isolados, um homem sua esposa e uma irmã dele, solteira. Em suas visitas diárias à roça, a moça é seduzida por um *karuãna*, do outro mundo, que a engravida. O índio Palikur, intrigado, segue sua irmã à roça e a surpreende com seu amante *karuãna*, um rapaz jovem e bonito. Ele se prepara para matar o intruso mas, involuntariamente, atinge a irmã, que vem a falecer. Seu corpo é colocado em cima de um girau para deixar que a carne apodreça⁶. Um pajé havia recomendado ao irmão da falecida que fosse de vez em quando verificar o estado do cadáver. Este percebe que começam a sair vermes do corpo da irmã e com o passar do tempo em número cada vez maior. Até que um dia, destes vermes nascem dois meninos que pedem clemência ao “irmão da mãe” e iniciam assim um processo de humanização de um novo povo, os Galibi. Estes rapazes, por sua vez mandam os Palikur se prepararem para um combate, de forma ritualizada, introduzindo, concomitantemente, as regras para guerrear. Quando os jovens avaliam que os Palikur estão preparados, digamos, à altura de seus inimigos, em pé de igualdade, começa a luta. Resumindo uma longa história, os Palikur, usando estratégias engenhosas, conseguem rechaçar os Galibi até a boca do Oiapoque. De lá, os Galibi, mandaram dizer que não iriam mais guerrear com flechas e que dali em diante a guerra seria “no plano espiritual”, pajé contra pajé.

Na segunda parte deste episódio, o embate se dá entre dois pajés Palikur e Galibi respectivamente, sempre na Tipoca. Naquela época, diz a história, os Galibi chegaram de barco, pois todo o transporte era pelo mar. Não havia nem savanas, nem rios! Os *karuãnas*, espíritos auxiliares do pajé Galibi vinham pegar as almas Palikur. Mas usando novamente “estratégias engenhosas”, os *karuãnas* do pajé Palikur conseguem dominar os *karuãnas* Galibi, presos no seu próprio barco. A história diz

⁵ As seguintes versões são resumos das narrativas originais que não cabe transcrever aqui na íntegra. A versão I foi ouvida de improviso. Artionka Capiberibe a registrou no seu caderno de campo.

⁶ Os ossos são posteriormente cremados, durante um rito funerário.

que o beija-flor trouxe uma placa de cobre enorme e que o pica-pau a pregou no barco, deixando os *karuãnas* Galibi presos como se estivessem dentro de uma caixa “lacrada”. Em seguida, os Palikur rebocaram os barcos Galibi e os levaram para muito longe. Com isso, os Palikur pararam de morrer. O pajé lhes explicou porque eles tinham parado de morrer e aí eles resolveram ir até o Oiapoque se vingar e expulsar os Galibi até a Guiana Francesa para o Maroni e aí a guerra terminou.

II. Versão Palikur. Kumarumã, outubro, 1998.

Informante: Sr. lok Labonté, filho do pajé Uratê que vive “refugiado”, há décadas, entre os Galibi-Marworno, mas em local isolado⁷.

“Galibi nasceu na Tipoca. A mãe dos Galibi é Palikur e o pai é um *Karuãna*.

Uma mulher vivia com seu irmão e a esposa deste. Eram duas mulheres e um homem. Viviam isolados, tinham uma roça. Um dia a mulher, a irmã, ficou gestante e o irmão estranhou. “Como é? ela não tem homem”. Aí procurou saber. Um dia a irmã disse “vou tirar mandioca”. O irmão vai atrás para ver o que acontecia por lá. No meio do caminho ele viu uma “*courone*” bem linda, pindurada num pau. Aí ele pensou: “o dono desta *courone* esta com minha irmã”. Foi devagar e viu um homem abraçado com a irmã, aí pensou em matar o homem. Quiz flechar no flanco do homem mas acertou a irmã e o *karuãna* foi embora. O Palikur carregou a irmã e contou o que havia acontecido para sua mulher, “matei a minha irmã”. Aí deixa a irmã numa casinha para secar. Depois de duas semanas vai dar uma olhada. Depois de um mês volta e haviam muitos vermes brancos saindo dela.

Ele pega água fervendo para matar os vermes, três vezes ele faz a mesma coisa. Aí ele vê uma criança já crescida com uma flecha na mão. Ele preparou água quente de novo para matar os vermes. Aí, a criança disse: “não mata meus irmãos, deixa esses para crescer”. Aí não matou mais. Eram todos os seus irmãos, cresceram e viraram

⁷ Possuímos uma versão gravada com o pajé Uratê mas não transcrita, por enquanto. A versão que foi contada pelo Sr. lok é resumida, segundo ele mesmo disse, por falta de tempo naquela ocasião. A do pajé Uratê, de 1996, é longa, cantada e acompanhada pelo bater rítmico dos maracás no chão.

gente. Após um mês o irmão da mulher morta voltou e já tinha cheio de gente Galibi. Após dois meses estava cheio de Galibi na Tipoca.

Chamaram o pai deles, o *karuãna*. E disseram para o tio Palikur “Oh, meu tio, nos já crescemos muito.” Após um ano o tio foi dar uma olhada com eles na Tipoca. Os Galibi falaram: pode descer em terra e espiar, que nos temos muitas armas e flechas. Flech (em patois) (kumuri em palikur). Estavam em uma grande casa.

“Você tio, vocês não tem flecha! entra para espiar. “Hi! tem muita flecha”, diz o tio.

O sobrinho, aquele primeiro que nasceu disse ao tio: “Combina para fazer as tuas flechas, porque nos vamos fazer uma guerra”. [Os Galibi dizem isso aos Palikur].

O tio disse, falou, “não pode brigar porque não sou eu que matei minha irmã. Flechei o *karuãna*, mas acertei minha irmã”. O sobrinho respondeu: “Não tem essa não! Prepara tua flecha que nós vamos fazer guerra..”

Aí o tio voltou nos Palikur.

havia naquele tempo muitos Palikur. Na Tipoca, uma vila. No Bebem, uma vila grande. Puturia, vila grande - ilê Khobo, muito Palikur. O tio chamou o capitão dos Palikur “O meu sobrinho (Galibi) me disse que vão fazer a guerra. E o meu sobrinho me disse ‘isso não é apenas para ti’, é para nos todos que vem. Vamos combinar logo”.

Durante um mês fizeram muitas flechas para ter muitas armas aqui (aqui, porque é um Palikur falando). Foi um ano de preparo. Fazem escudos de pau, assim como camisa grossa. Após um mês o tio vai lá nos Galibi, encostou.

“- Desce! você está com medo? Preparou suas flechas?”

- “Mas não quero brigar. Tio brigar com sobrinho é uma pena”.

- “Mas você se prepare que você já matou minha mãe. Vamos marcar o dia para brigar. No mês de março quando a água alaga ‘o marécage’. Aí a água cresceu”.

Os Palikur fazem a flauta deles de barro, é como um telefone para eles. E os Galibi fazem as deles. Para se entenderem. “É como um telefone, tem que ter os dois

lados para se comunicarem. Senão, se um tem e o outro não tem e aí como é? não se entendem”.

Aí o tio foi lá de novo. “Que dia vamos nos encontrar”? “Vamos deixar a lua encher, aí a gente se encontra”, responde o sobrinho Galibi.

- O tio disse “bom”. “Quando a lua cheia vamos fazer o sinal com a flauta de barro e os Palikur lá encima respondem”.

- Se preparem que vamos começar, comunicam os Galibi.

- Os Palikur respondem: “podem encostar.”

- Os Galibi estão subindo o rio para fazer a guerra. Os Palikur fazem um grande curral, um cercado para os Galibi não chegarem. Aquele menino que nasceu primeiro da irmã não pode ser morto pelo tio nem matar ele. Tem que matar outros. Os dois chefes de guerra não podem se matar, matam os soldados porque se os dois chefes se matam aí acaba logo.

Os Galibi saem às 7 horas para se encontrar com os Palikur. O tio Palikur disse “na flauta”, conversando, podem vir, encostar. Aí chegam cinco canoas Galibi. Os Palikur estão encima da montanha e já haviam cortado grandes troncos de pau. Os Palikur falavam “encostem” e depois fizeram rolar os troncos montanha abaixo e assim atingem um grande número de Galibi e depois acabam matando-os com arco e flecha mesmo.

Aí ficou apenas aquele parente, aquele sobrinho que nasceu primeiro.

- “Você vai buscar outros Galibi”, dizem os Palikur.

Ele foi buscar outros.

Mas não apareceram. “Cadê os Galibi?”

Agora são os Palikur que vão atrás. Não viram ninguém lá, haviam fugido da Tipoca. Cadê?

Com um mês apareceram no Cajari (os Galibi). Os Palikur foram atrás e meteram porradas neles, de manhã, às 6 horas. De tarde acaba a briga. Deixa-se para de manhã.

Mas de manhã os Galibi fugiram de novo. Os Palikur os procuram um mês, dois meses. “Cadê os Galibi?”

Apareceram na Montagne Bruyère, na França.

Os Palikur foram atrás, com quatro canoas cheio de gente. Chegaram na montanha e os Galibi mataram todos os Palikur. Só ficou o tio.

O tio foi buscar outros Palikur. No Urukauá eles tem um “telefone” que se chama *Tamakuaré* (é uma lagartixa). A mulher vai falar com o *Tamakuaré* para saber se o marido esta vivo ou morto. Se fala “ta-ta-ta...” é que o marido esta vivo. Se calar é porque o marido esta morto. A mulher do tio quiz saber se o marido estava vivo. “Ta-ta-ta”, responde o *Tamakuaré*. Esta vivo. mas para as outras mulheres ficou tudo calado.

Quatro canoas voltam para a Montagne Bruyère. Mas os Galibi já haviam fugido. Para onde? Não encontraram, e assim os Palikur voltaram para o Urukauá. Depois de seis meses os Galibi estão em Caiena, no Mahury, onde os navios encostam, o porto. “Onde estão os Galibi?” pensam os Palikur. Eles preparam seis canoas, caxixi, flechas e saem de noite. Vão embora, subindo pelo oceano e devagar. Na boca do Approuague (um igarapé que vem dar no oceano), de noite, estão atravessando. A lua esta bem clara. De repente “gente” saiu da água e embarcou na frente da canoa dos Palikur, bem de noite. “Quem são essa gente?” se perguntam os Palikur. Eles não olham, e estão com flechas penduradas no flanco. “Quem são vocês?”, perguntam os Palikur. “Eu sou um *karuãna* (une visite), eu não posso olhar para vocês, só falar”. Os *karuãna* tem uma tigela de caxixi com uma cuia pequena. Os *karuãna* (a gente, diz o informante) falam para os Palikur: “vocês bebem caxixi?”. Aí os Palikur dizem: “sim”. Nessa tigela tem uma cuia bem pequena. Eu (o *karuãna*) dou esta cuia para cinco canoas”. Os Palikur dizem: “Eu não acredito”. Eles dão o caxixi sem olhar. Uma cuia para 5 canoas mesmo! E quando termina, não termina não! Na verdade não é a cuia mas uma tigela muito grande, que não se vê, e o caxixi, assim, nunca acaba.

Agora são os Palikur que dão o seu cachiri para a “gente” beber. Ta bem. O menino *karuãna* pergunta: “Onde vocês vão?”. “Vamos fazer a guerra com os Galibi” dizem os Palikur. “Como você vai encostar, de dia? de noite?” O *karuãna* disse:

“você quer acabar com a guerra de vez? Eu vou fazer um feitiço para matar todos os Galibi e acabar com eles”.

“Como a gente vai fazer?” Os *karuãna* preparam um feitiço numa cuia, água preta. “Quando vocês chegam perto da vila vocês jogam essa água assim (faz um gesto amplo para esparramar o líquido). Essa água é assim”.

“Os Galibi vão ficar com frio (diz o *karuãna*) e vão botar as flechas na canoa e aí vocês as pegam deles e eles vão ficar sem armas”.

Os *karuãna* entregam a água preta para os Palikur e estes perguntam: “para onde vocês vão meninos?” O *karuãna* disse: “eu vou atrás de meu tio, meu tio matou o filho de outro *karuãna*. Para fugir os *karuãna* atravessam o rio no barco dos Palikur, passando por cima da água, “neste planeta”. O *karuãna* desceu lá na outra margem, sem ser visto. Os *Karuãna* ficaram do outro lado do rio. O tio do *Karuãna* é uma cobra, uma sucuriju grande, que fica no fundo da água. “Quando termina a guerra você baixa aqui e vai encontrar a cobra grande morta”.

E assim os Palikur foram embora e quando encontraram os Galibi jogaram aquela água feitiço neles. Os Galibi, com frio, carregaram suas flechas para as canoas. Estão com frio do feitiço. “Vamos tomar essas flechas” dizem os Palikur. Os Palikur entraram de noite, cercaram a casa toda e flecharam eles. Um velho Galibi foi morto. Aí chegaram os Palikur de novo, e todos (Galibi e Palikur) estão sem flechas. Todas estavam na canoa. Como vamos brigar? Como? Com o saurú, é um grande pau que amarram com algodão ou cipó no braço, para acertar eles. De manhã os Galibi estão sem flechas e preparam os saurú. Os Palikur tem os seus também. Todos brigam de saurú, eles brigam de manhã, de tarde e a noite, sem parar. Às 5 horas da manhã os Galibi matam o tio, o chefe de guerra dos Palikur, três pularam encima dele. Mas não pode batalhar de três, só de dois. Só dois podem brigar. Cacetearam ele e foi o sobrinho Galibi que matou o tio Palikur. Os Palikur ficaram bravos. “Agora nos vamos matar mesmo, é ou nós ou eles”. Pegaram direto.

A mulher do chefe de guerra, lá no Urukauá foi conversar com o *Tamakuaré*. Ela perguntou, “o meu marido esta vivo?” o *Tamakuaré* não respondeu. Aí ela disse “o meu marido morreu”.

Às 6 horas os Palikur foram e mataram todos os Galibi, para acabar mesmo com eles, de dia e de noite, durante dois dias.

Às 5 da tarde acabaram todos os Galibi, só ficaram as crianças. Deixaram as crianças. E apenas ficaram cinco mulheres para cuidar delas, uma “txi Colonie”. Terminaram de brigar, “embora voltar para o Urucauá”. Moquearam o tio, colocaram em uma tigela, para levar para a mulher o cadáver. Ela já sabe.

No Approuague, no meio do rio chega a cobra grande morta e boiando. O *karuãna* conseguiu matar o tio dele.

O karuanã que havia embarcado na canoa dos Palikur matou o tio karuanã que era a Cobra Grande e na canoa passou por cima da água para não ser visto por ele.

Tem a guerra dos Galibi e Palikur e *karuanã* também.

Os Palikur voltaram de Caiena para o Urucauá. Chegaram às 3 da manhã, da madrugada e acontece então o *parawe*. Já tem caxixi para o turé, de tarde, porque acabou a guerra.

Parawe é uma flauta feita de piê biche, pé de veado, osso de pé de veado. Sopram o *parawe*. Ah! já terminou a guerra. Tem caxixi. Dançam o turé dois dias, duas noites, é o turé de fim da guerra.

Há também o canto de guerra dos Palikur e dos Galibi.

III. Versões Galibi-Marworno, Kumarumã, rio Uaçá, julho de 1996.

Informantes: Srs. Lucival, Firmino e Getúlio

Para os Galibi-Marworno, o episódio ocorre na região da Tipoca, no lugar chamado Galibi, à margem direita do rio Uaçá. Os Galibi⁸ haviam ido roubar umas mulheres Palikur. Quando estes perceberam o ocorrido, foram atrás e foi assim que começaram a guerrear. Os Galibi, vencedores, teriam obrigado os Palikur a se retirarem no Urucauá, sendo que um grupo ou clã deles, os Arakarê, teriam fugido para o Uaçá. Outra versão, colhida com o Sr. Firmino, nem toca no assunto guerra e

⁸ Na verdade chamadas na época de Uaçauaras.

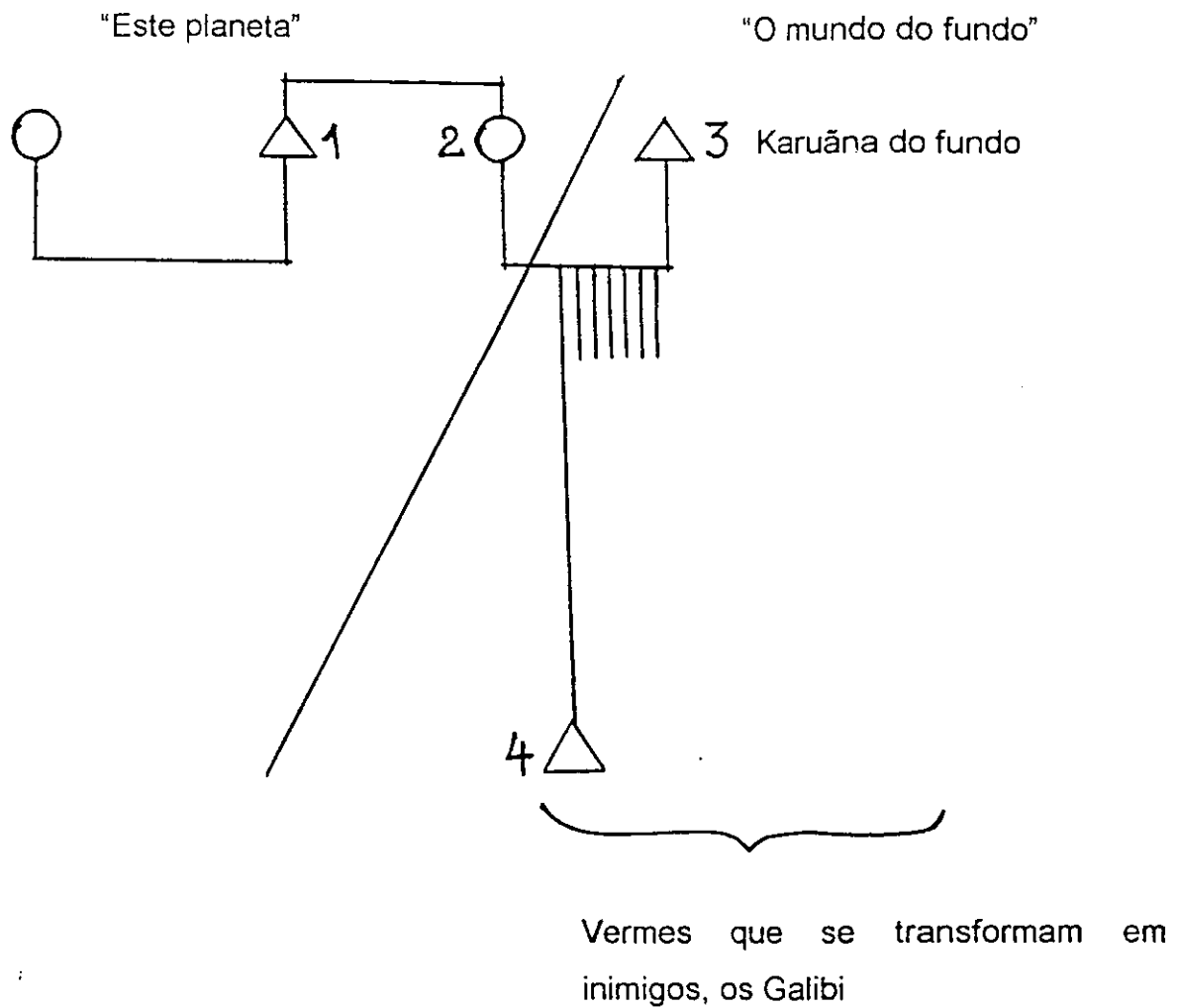
afirma que desde o primeiro contado os Palikur e Galibi fizeram um acordo, cada etnia se dirigindo para seu respectivo rio. Uma terceira versão, do Sr. Getúlio, é a seguinte: No início, Palikur e Galibi eram selvagens, inimigos e se consideravam mutuamente como caça (*viande em patois*) a ser abatida. Eles guerreavam mas de maneira muito ritualizada, através de cantos, verdadeiros duelos musicais e desafios mútuos, onde cada lado expressava o seu direito a ocupar o rio Uaçá (o motivo do conflito). Os Galibi descrevem os Palikur como guerreiros muito ornamentados e pintados, e muito formais. No final, os Palikur perdem e abandonam o campo de batalha muito tristes, cabisbaixos, igual a um time de futebol que perdeu uma partida, acenando com a mão e chorando. Segundo o informante: “Por pouco os Galibi ficam com pena deles”. Desde então, os Palikur ocupam o rio Urucauá e os Galibi o Uaçá. Mas agora, acrescenta o informante, “os dois povos se consideram irmãos e cooperam, e todos, no dia 3 de outubro votaremos pelo mesmo candidato para a Prefeitura de Oiapoque”⁹.

Com relação a este último episódio, até o último momento os Palikur não estavam inclinados a votar no candidato índio João Neves, um Galibi-Marworno, e um certo trabalho de conscientização política e persuasão foi necessário para dobrar a resistência Palikur.

Interpretação

Examinemos, em primeiro lugar a versão II, a dos Palikur de Kumarumã. Este grupo não é adepto da religião Pentecostal como os Palikur do Urucauá. Não parecem tampouco muito envolvidos com atividades e festas católicas. Na casa do pajé Uratê encontram-se vários bancos rituais para o uso dos xamãs. É nesse local que, às vezes, na época da seca, noite de lua cheia, se reúnem os mais velhos para cantar e chamar os *karuãna* do “fundo” ao convívio festivo dos humanos, oferecendo-lhes

⁹ Referindo-se ao Galibi-Marworno João Neves, que de fato se elegeu em 1996 prefeito.



1. Índio Palikur. Tio materno de 4
2. Mãe Palikur, morta pelo irmão
3. Karuãna do "outro mundo", pai de 4
4. Filho de mulher Palikur e pai Karuãna. Verme saído da barriga da mãe morta, transforma-se em Galibi e inimigo.

caxiri e cigarros de *tawari* para agradecer as curas concedidas. Configura-se assim, um ambiente onde as tradições indígenas são ainda cultivadas com um certo rigor.

A guerra, como concebida aqui é um fato totalizante. Ela opõe diferentes domínios (“este planeta”, dos Palikur e o “outro mundo”), diferentes povos (Palikur e Galibi) e parentes afins (tio materno MB e filho da irmã ZS).

O primeiro acontecimento, após um ato de transgressão, diz respeito à criação do inimigo a partir de uma “estrutura elementar do parentesco”. Ao mesmo tempo, tornam-se explícitas situações de alteridade e afinidade.

Neste estado de crise e de alteridade/afinidade generalizada, recupera-se, no entanto, uma unidade profunda entre as diferentes partes do edifício cósmico, ao longo de toda a narrativa.

Esta unidade não se revela apenas através de critérios estruturais mas também através de aspectos mais subjetivos, atitudes e sentimentos que caracterizam os personagens, conferindo ao mito uma dimensão heróica e trágica.

O mito Palikur coloca também em evidência o movimento cíclico do episódio, que se inicia com a morte da mãe e termina com a morte do tio. No primeiro caso o funeral da mãe se revela transgressor e criativo. De volta ao Urucauá, no fim, o funeral do tio será tradicional e restaurador da ordem Palikur.

Esta unidade é construída também pelas trocas contínuas entre seres diferentes envolvidos no conflito.

Chama a atenção o paralelismo existente entre os acontecimentos que se desenvolvem “neste planeta” e no “mundo do fundo”. Tudo indica que a guerra se trava em dois níveis.

A um certo momento, decisivo para o desenlace do conflito, no meio de um rio, as canoas dos guerreiros Palikur são invadidas, na ponta da proa, por seres do “fundo”, figuras estranhas, sem “roupas” que as mascarem ou identifiquem. Eles pedem ajuda aos Palikur, ou seja, que estes, nas suas canoas “por cima, neste planeta”, os transportem até a outra margem do rio o que lhes permitirá escapar do monstro aquático com quem estão em luta.

Naquele momento “guerreiros e guerreiros” trocam oferendas de caxiri, sendo que os seres do fundo possuem a bebida em quantidade inesgotável, estoque invisível para os Palikur, atônitos.

Estes recebem ainda uma poção mágica, um veneno, que lhes permitirá finalmente vencer uma vez por todas seus inimigos.

No momento da despedida, os Palikur recebem uma mensagem enigmática destes seres, uma “antevisão” dos acontecimentos: à morte do chefe Palikur, corresponderá a morte da Cobra Grande, que, de fato, os Palikur encontrarão boiando nas águas do rio, quando finalmente retornam ao Urucauá, com os restos mortais de seu chefe na canoa.

Acoplado a este paralelismo nota-se o papel de auxiliar e/ou comunicador de certos seres, como as aves que ajudam os Palikur (versão I) a se livrar definitivamente dos espíritos dos pajés inimigos, ou como o “Tamakuarê” pequena lagartixa, cuja função é avisar os índios que ficaram na aldeia do Urucauá sobre a sorte dos parentes que guerreiam em longínquos campos de batalha.

Interessante também notar que sem a ajuda dos seres dos diversos domínios do Cosmos, os Palikur não teriam vencido o inimigo. Esta constatação, no nível da narrativa, articula-se a um princípio mais estrutural, ou seja, a função da guerra, cósmica por definição, para a construção e reprodução da sociedade Palikur.

Evidentemente, o interesse dessas narrativas não se esgota pela análise de cada versão em si, mas sim pelo confronto das diferentes versões.

Cada narrativa, sem dúvida, apresenta uma série de informações relevantes, mas possivelmente nada de muito novo no panorama da etnologia amazônica.

O interesse, entretanto, é grande no nível micro-regional por desvendar uma história muito peculiar aos povos que habitam a bacia do Uaçá e por desvendar, ainda, os mecanismos da construção da alteridade e da identidade destes grupos, algo percebido por eles mesmos ou não, e desvendado pela análise etnológica.

Passando agora para a versão Palikur do Kumenê (versão I), chama a atenção, no nível da narrativa, a divisão do mito em duas partes nitidamente diferenciadas, opostas e complementares. Tudo indica uma tentativa tímida de distinguir profano e sagrado. Ou, inversamente, haveria uma intenção em enfatizar o papel fundamental do xamã em contato com o “mundo espiritual” para a solução final do conflito. (Lembramos que os Palikur de Kumenê são pentecostais). Realmente, nesta versão, o xamã é o único canal de comunicação com o mundo dos espíritos, fato assinalado no início do mito e enfatizado no fim, quando este explica aos Palikur o que realmente aconteceu com eles. Sem esta explicação eles não teriam como saber. Ou seja, o xamanismo continua importante, mas é concebido como uma esfera “em separado”. Distanciamento “espiritual” muito diferente da situação narrada na versão II, onde os humanos possuem “duplos” no “mundo do fundo” que compartilham das mesmas experiências vividas por eles. Pode-se dizer que a dualidade, estrutural, se manifesta de forma diferente nas versões I e II.

Restam as versões III, levantadas entre os Galibi-Marworno, muito breves mas relevantes.

Apesar de existir na região algo chamado “A história da guerra dos Palikur e dos Galibi”, o episódio contado pelos Galibi-Marworno não se confunde com os fatos relatados nas versões I e II pelos Palikur. Trata-se de um outro conflito e muito mais localizado.

Não há como datar estes acontecimentos. Mas com toda certeza trata-se de um confronto que visava acabar com a hegemonia de grupos Palikur na região do rio Uaçá, ocupada por remanescentes de vários grupos indígenas, inclusive, como parece ser o caso, de Galibi que ficaram morando, dispersos, pela região.

O Monte Tipoca e suas imediações, onde se concentrava a população Palikur antigamente, é novamente o palco do conflito. É bom lembrar a localização estratégica da Tipoca, constituída por várias elevações, no meio da savana, rica em caça e recursos naturais. Situada entre o Urucauá e o Uaçá ela divide duas bacias mas, ao mesmo tempo, se integra a elas.

Nesta versão encontramos várias interpretações dos fatos. Um informante explica que o conflito ocorreu devido a uma tentativa de roubo de mulheres por parte dos Galibi. Outro pondera que naquela época os índios eram “selvagens”, quando cada povo considerava o seu inimigo como sendo “caça”. A atitude cuidadosa de um terceiro informante chega a ignorar o confronto, insistindo num convívio pacífico desde os “primeiros contatos”. Em todas as versões, entretanto, os Palikur são vencidos e acabam se retirando para o alto Urucauá, enquanto que os Galibi-Marworno ficam no Uaçá. E esta é a situação até hoje.

Há vários aspectos interessantes nestas versões dos Galibi-Marworno.

Na literatura etnográfica tanto Nimuendajú como os Grenand consideram os Arakarê ou Arikarê um povo diferente e não um grupo Palikur. Não é o que os Galibi-Marworno afirmam. É difícil saber.

Verifica-se também aqui que, como nas versões I e II, os Palikur guerreavam de maneira ritualizada, ornamentados e pintados, muito formais, algo que parece ter chamado a atenção dos Galibi-Marworno. Os cantos¹⁰ através dos quais eles se desafiavam, exaltando o direito à ocupação do Uaçá, são lembrados até hoje. Por outro lado, fica registrada a atitude extremamente condescendente dos Galibi-Marworno com relação aos Palikur, um comportamento observável ainda hoje.

No fim destas narrativas, como fechando um grande ciclo, irrompe a modernidade. Para os Galibi-Marworno, tendo em vista as eleições municipais de 1996, a paz, duramente consentida, deveria se transformar, agora, em aliança efetiva, o que para os Palikur, naquela época, não era tão evidente assim. O Mito e a História explicam.

¹⁰ Possuo gravações deste canto.

Anotações Etnográficas

A. O Meio Ambiente

Um detalhe interessante na versão I é de ordem geológica e diz respeito à percepção que os índios tem sobre o meio ambiente. Os Palikur estão cientes que vivem em uma região cuja paisagem se modificou ao longo do tempo.

Os campos e savanas, les marécages, formaram-se a partir dos sedimentos depositados pelos grandes rios da região. No monte Tipoca, segundo os índios, encontram-se fósseis de fauna marinha, sinal de que o mar chegava até lá. É o que o mito endossa com clareza.

Na mitologia Palikur conta-se ainda que as montanhas da região, como a Carupina e o Cajari teriam chegado até o continente, flutuando pelo oceano. E a Carupina teria-se solidificado apenas após o “episódio do dilúvio” (Mito Palikur).

Por outro lado, fica claro, que toda essa guerra se passa em ambiente aquático: rios, savanas alagadas e o mar. E, de fato, há, segundo o mito, épocas propícias para guerrear, naquela região. As grandes expedições guerreiras e os confrontos com o inimigo ocorreriam a partir do mês de março, quando as águas sobem e inundam a savana.

Desenvolver certas ações estratégicas de dia ou de noite, com ou sem lua, também é relevante.

Locais citados no mito e mapeados

Rio Urucauá –

Rio Uaçá

Monte Tipoca

Lugar chamado “Galibi” (no Uaçá), palco de um confronto.

A Montanha Cajari

A Pedra dos Palikur (onde houve uma batalha) Campinho, no Curupi.

Rio Oiapoque
Montagne Bruyère (em frente à Ponta do Mosquito)
Rivière Approuague
O Oceano
Rivière Mahury (Caiena)
Rivière Maroni (fronteira com o Suriname)

B. Comunicação

Destaca-se nas narrativas a importância dada à comunicação e aos meios de comunicação sem o que nem os inimigos conseguiriam se entender. A flauta de barro dos Palikur é comparada, sem hesitação, por parte do informante, com o telefone¹¹. Esta flauta utilizada por ambas as partes em confronto, permitia transmitir, em linguagem codificada, mensagens inteligíveis para "eles combinarem".

Afinal, a guerra precisa se desenvolver de maneira adequada e como prova disso o tempo e o cuidado dispensados nos preparativos do confronto.

Os Palikur possuem além da língua cotidiana, uma fala cerimonial, hoje em desuso¹²; uma linguagem da canoa para desviar a atenção das entidades do "fundo" e um sistema de sinais ou uma "língua dos olhos" ligada às atividades de feitiçaria. Pequenos animais, como a largatixa Tamakuaré, é mais um meio de comunicação, à longa distância, usada pelos Palikur no mito.

C. Performance, ética e estética

A guerra, no seu aspecto épico e heróico, é também uma performance com normas e comportamentos pré-estabelecidos.

¹¹ Entre as 280 peças do Acervo Uaçá, coletadas por Lux Vidal e Artionka Capiberibe, constam as flautas de osso de veado, um escudo de madeira decorado, duas bordunas de guerra, objetos todos citados no mito e hoje em desuso. Não temos, porém, a flauta de barro. Mas há fotos desta flauta.

¹² Antigamente ela servia como veículo de comunicação especialmente nos encontros festivos entre os diferentes grupos Palikur que no dia a dia, falavam línguas diferentes (P. e F. Grenand, 1987). Em 1996, por ocasião da visita do Governador do Amapá, J. A. Capiberibe, à aldeia Kumenê, o chefe Florencio, usou esta língua no seu discurso de boas vindas.

O que deflagra o processo todo é a vingança, uma necessidade de ordem ética e estrutural. Observa-se uma ambigüidade entre consangüíneos e afins, assinalada quando o tio pondera que não é bom brigar com o filho da irmã. Mas o jovem Galibi retruca: “Não tem essa não!”.

O conflito não se restringe a um confronto individualizado, mas toda a sociedade estará, automaticamente, envolvida. É o que o jovem Galibi coloca com clareza para o seu tio materno Palikur.

Por outro lado, há um certo cuidado com as crianças que são “poupadas”. Isto se verifica tanto no início como no fim do mito, quando após a batalha apenas sobrevive uma “txi colonie” (pequena colônia).

Há também regras nestas guerras. Existem chefes militares que comandam um contingente de guerreiros. Pelo menos durante os primeiros embates, os chefes não podem ser mortos, porque caso o fossem a guerra acabaria. Tanto é assim, que durante o primeiro combate, na Tipoca, do qual os Palikur saem vitoriosos, apenas o “sobrinho”, chefe Galibi, se salva. Em outra batalha, às margens do rio Approuague, apenas o “tio”, chefe Palikur, sobrevive.

Por outro lado, o combate, como num duelo, deve ocorrer entre dois indivíduos, para equilibrar a luta. Não é correto dois ou três guerreiros atacarem um mesmo inimigo. Evidentemente que no fim, durante a batalha decisiva, o confronto é generalizado e a etiqueta é esquecida no calor da luta.

Nas versões Galibi-Marworno, aparecem atitudes e sentimentos mais ocidentalizados, como “ter pena” dos Palikur, sendo que estes se retiram cabisbaixos, como um time de futebol, acenando com as mãos (sic).

A insistência no acordo de paz e as referências às eleições municipais de 1996, mostram um novo contexto no qual o mito é pensado e interpretado.

Estratégias de combate, armas e indumentária

O inimigo, o Galibi, já nasce para brigar.

Ele incentiva e desafia o tio materno que no início se mostra um tanto reticente.

Os Galibi usam métodos provocativos e arrogantes, mostrando sua superioridade “militar”. Por outro lado, condescendentes, ensinam aos Palikur como se preparar para a guerra e esperam que estes estejam prontos para iniciar o confronto.

Os Palikur, por sua vez, usam táticas e estratégias que dependem mais de astúcia e engenhosidade. Constróem “um curral”, uma cerca, para se proteger e quando atacam uma aldeia inimiga, tratam de cercar a “Casa Grande” dos Galibi.

Ainda quando na montanha Tipoca, cortam grandes troncos de árvores que jogados do alto causam a derrota do inimigo, esmagando muitos deles.

Usam também um feitiço preparado pelos *karuãna*, que lhes permite desarmar os Galibi quando os reencontram no rio Mahury.

Os Palikur possuem grandes canoas, longos remos e navegam pelos rios e pelo oceano, cobrindo longas distâncias.

Usam arcos, flechas, bordunas, escudos de madeira e camisas grossas de entrecasca para se proteger. O que mostra que os Palikur possuíam uma cultura guerreira sofisticada.

Interessante também a capacidade de improvisar armas como o saurú (a única palavra que o informante pronunciou em língua Palikur), um simples pau amarrado ao braço para golpear o inimigo.

Se esta arma pode ser considerada das mais primitivas, os Palikur usam também “tecnologias mais avançadas” quando duas aves colocam uma grande placa de cobre “lacrada”, encima do barco onde ficam definitivamente presos os espíritos inimigos dos pajés Galibi.

Estética

É preciso destacar também o lado estético da guerra. A própria formalidade da performance guerreira já é uma ética e uma estética de notável impacto. A dimensão cosmológica também enaltece os eventos de natureza heróica.

A primeira coisa que nos chama a atenção, como um sinal de beleza invisível é a courone do amante *karuãna*, na roça Palikur. Por outro lado, os informantes Galibi-Marworno enfatizam nas suas narrativas a beleza das pinturas corporais e dos ornamentos usados pelos Palikur, sempre muito enfeitados.

O que mais encanta, entretanto, é o uso da música, dos cantos, como arma de reivindicação e persuasão. Estes cantos, conhecidos até hoje, são as últimas relíquias daqueles tempos remotos, falantes de guerra.

D. A Saga dos etnônimos

Finalmente, poderia-se colocar a questão seguinte: se os fatos históricos, referidos nas narrativas Palikur, de um lado, e Galibi-Marworno, por outro, não são os mesmos, porque então considerar estas narrativas como versões de um mesmo mito. A razão é a seguinte: na região estas “histórias” possuem uma única e mesma denominação: “A guerra dos Galibi e dos Palikur”. A história pode ser diferente, mas as motivações e as representações se confundem. Acima de tudo é um grande tema: A Guerra.

Entretanto, é perceptível que as narrativas Palikur pendem mais para o mito e a cosmologia e a dos Galibi-Marworno para a história *tout court*.

Ainda que nos dois casos haja uma nítida ênfase na construção da alteridade.

Não sei se os índios têm consciência dessas diferenças. Penso que as versões “se ignoram”, cada povo contando a sua.

A ambigüidade se explica em parte por causa do etnônimo “Galibi”, mas esta confusão já está armada entre eles, na região e não adianta querer evitá-la. Vou tentar explicar. É preciso entender que os Galibi das versões do mito Palikur (I e II),

não são os Galibi das versões Galibi-Marworno (III). Os Grenand (1987)¹³ denominam estes de “falsos” Galibi, o que é complicado, mas o Sr. Iok, um índio Palikur que vive em Kumarumã, disse textualmente: “Aqui em Kumarumã só vivem Marworno e Aruã, o resto era ocupado por Palikur”.

Por outro lado, se nas versões III do mito, a guerra é entre Palikur e Galibi e não Galibi-Marworno como se poderia esperar, é porque este último etnônimo foi acrescentado apenas recentemente pelo CIMI e a FUNAI, para distinguir este grupo dos Galibi do Oiapoque, os Kaliña, que apenas chegaram a região em 1950. Aliás na época do confronto (se confronto houve!), os grupos locais que habitavam as ilhas do alto Uaçá não se autodenominavam Galibi. Mas com certeza já tinham um sentimento de “povo do Uaçá”, *mun* Uaçá, em patois, apesar da heterogeneidade étnica.

Nimuendajú, em sua monografia (1926)¹⁴ não os caracterizava como Galibi, mas sim como “os do Uaçá”. Após a expedição de Rondon e do Major Thomaz Reis (1936) naquela região de fronteira é que passam a ser denominados Galibi na bibliografia. Entretanto, havia certamente entre eles descendentes de Galibi, remanescentes de antigos conflitos na região do Uaçá e onde permaneceram, ou senão provenientes das antigas missões jesuíticas desmanteladas do Oiapoque.

Mas a pergunta é a seguinte: porque o etnônimo “Galibi” prevaleceu sobre outras possíveis denominações para os povos daquela região? Poderia-se pensar, além de uma imposição exôgena, ela mesma não imune a um certo viés ideológico, que isto aconteceu como consequência lógica do antigo conflito entre Palikur e Galibi, sempre presente na memória indígena?

No nível das representações, “Galibi” já era o inimigo ou paradigma da alteridade, por definição. E assim a antiga dualidade histórica acabaria sendo reconstituída na região.

Se esta hipótese pudesse ser aceita, então, ter optado por considerar todas as narrativas como versões de um mesmo mito, ou de uma mesma construção cosmo-

¹³ Grenand, F. e P. (1987) “La Côte d’Amapá, de la Bouche de l’Amazonie à la Baie d’Oyapock, à travers la tradition orale Palikur”. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, 3(1), Belém.

¹⁴ Nimuendajú, C. 1926. Os Índios Palikur e seus vizinhos, tradução do texto de 1926, versão do NHII/USP, no prelo.

histórica, se justifica plenamente.

É bom lembrar, finalmente, que o etnônimo “Galibi” também foi uma imposição dos colonizadores no século XVI, para denominar os Carib da costa das Guianas. Se os Galibi do Oiapoque, ao chegar no Brasil em 1950, tivessem-se identificado como Kaliña, a sua verdadeira auto denominação, os Galibi do Uaçá não teriam sido ofertados com o etnônimo adjunto, Marworno, que ainda não assimilaram totalmente como definidor de uma identidade. Falta a este último, sem dúvida, a áurea e o sentimento trágico do mito. É um etnônimo sem memória. Por enquanto!

E. O Escudo de Guerra¹⁵

A representação que um artesão faz de si mesmo, de seu povo e dos povos vizinhos parece ter-se materializado em um objeto, hoje em desuso, mas certamente de grande valor, séculos atrás, quando os Palikur guerreavam contra outros povos para manter sua hegemonia sobre a bacia do Uaçá e os afluentes deste rio, o Curipi e o Urucauá.

O escudo de guerra é feito de uma tábua de madeira, de forma retangular. A parte externa é decorada com desenhos figurativos e motivos decorativos.

Na parte superior vê-se a representação da cabeça de um índio, olhando para frente e ornamentado de um diadema de penas. Ao seu redor, nas bordas da tábua e em forma de frisa, inúmeros arcos e flechas. Tanto a representação ritualizada do guerreiro como o número de armas remetem diretamente ao mito.

Na parte inferior do escudo conforma-se um espaço menor inteiramente decorado com um motivo geométrico, uma sucessão de losangos e vagamente colorido. A oposição e complementariedade entre formas figurativas e geométricas, abstratas, é uma constante na artesanaria da região e se traduz de diferentes maneiras. Na maioria das vezes são esculturas zoomorfas e sua decoração, ela mesma

¹⁵ Este artefato foi recolhido por Artionka Capiberibe entre os Palikur de Kumenê em 1997. Ele é de pequena dimensão. Possivelmente o tamanho reduzido deva-se ao fato de este ser considerado uma réplica e não o objeto em si.

portadora de significados¹⁶.

O mais interessante é que na parte interna do escudo há duas figuras muito vagas, insignificantes, rabiscadas mesmo, e ao que tudo indica nem deveriam estar ali. Trata-se de uma rosa-dos-ventos e de uma estrela d'Alva.

Estes dois grafismos, emblemas dos navegadores, são muito usados pelos Karipuna do Curipi e pelos Galibi-Marworno do Uaçá, respectivamente, como marcas distintivas em inúmeros objetos.

Os Karipuna marcam com a rosa-dos-ventos, gravada com o uso do compasso, os seus raladores de mandioca, remos e mesmo o caixão do morto, sempre para indicar uma direção ou rumo, alto/baixo, por exemplo.

Os Galibi-Marworno pintam, esculpem em madeira ou osso de veado, a estrela d'Alva, integrada ainda no ritual do Turé com cantos e danças próprios. Os Palikur não possuem estes emblemas, pelo menos de forma tão ritualizada.

Desenhar estes dois sinais, na parte interior do escudo é certamente uma forma íntima e subjetiva de por um lado, identificar a si mesmos e a seu povo como guerreiros situados "em frente e no meio" (desenho externo do escudo). Os Palikur aliás se autodefinem como o povo do meio, isto é do rio Urucauá. E por outro lado, identificando a oeste os Karipuna do Curipi, e a leste, os Galibi-Marworno do Uaçá (parte interior do escudo).

E assim teríamos, no objeto como no mito, reconstituída a alteridade diferenciadora e a sociabilidade integradora que tanto caracterizam as relações interétnicas dos Povos do Uaçá.

O objeto, aliás, como o mito, permite ao etnólogo várias leituras, assim como propicia ao índio imaginar inúmeras transformações e metamorfoses. Entre outras, poderia-se dizer que o escudo se parece a uma canoa, sendo a frisa de arcos e flechas, os inúmeros remos e a figura do índio, a do chefe guerreiro.

A vocação aquática dos Povos do Uaçá é marcante, na paz como na guerra, característica já percebida por antigos cartógrafos que em séculos passados designavam a região como sendo apenas "Le Pays sous l'Eau".

¹⁶ Vide Vidal, Lux "O modelo e a marca ou o estilo dos misturados" in *Revista de Antropologia*, vol. 2 (1 e 2), São Paulo, 1999.